

TERRITÓRIOS EDUCATIVOS: INTEGRANDO PRÁTICAS TRADICIONAIS QUILOMBOLAS AO ENSINO FUNDAMENTAL

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-201>

Data de submissão: 19/02/2025

Data de publicação: 19/03/2025

Wallace Linhares Julio

Mestre em Educação - Universidade Federal do Espírito Santo, NEAB, Vitória, ES, Brasil
E-mail: wallace.julio@edu.ufes.br

Patrícia Gomes Rufino de Andrade

Doutora em Educação - Universidade Federal do Espírito Santo, NEAB, Vitória, ES, Brasil
E-mail: patricia.andrade@ufes.br

RESUMO

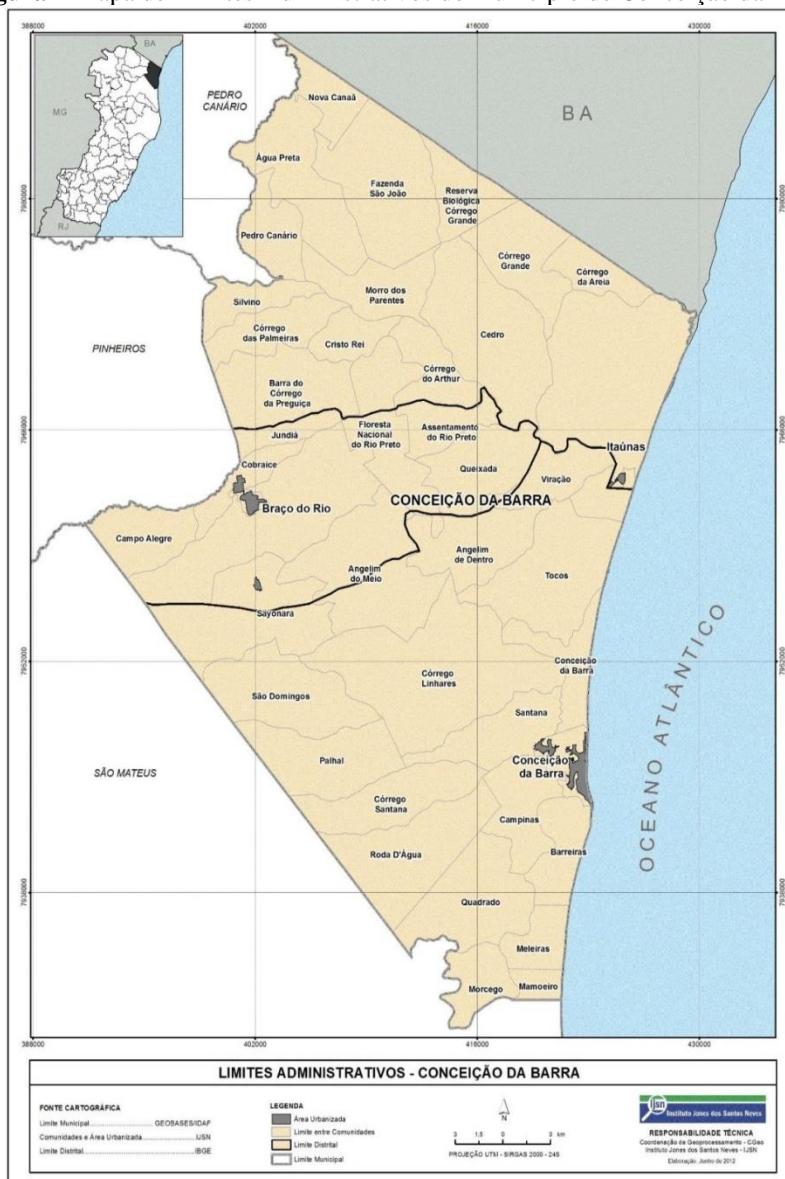
As geografias dos territórios quilombolas são constantemente desafiadas enquanto componentes curriculares. Os textos dos livros didáticos dificilmente abordam histórias e regionalidades quilombolas como saberes importantes no processo de constituição histórica do Brasil. Sendo assim, nosso desafio foi atuar na interface da pesquisa educativa, considerando as dificuldades e peculiaridades da Educação Escolar quilombola. Neste ponto, transformar o conhecimento adquirido e a produção de conhecimento possível na escola do território quilombola de Sapê do norte. O processo metodológico contou com a observação participante da metodologia da História Oral, considerando também inicialmente entrevistas semi-estruturadas. As sujeitas pesquisadas são Guardiãs da prática do Jongo, que atuam disseminando conhecimentos geracionais, ancestrais e ritualísticos. A pesquisa possibilitou o envolvimento de estudantes do 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Mário Vello Silvares, que como agente discursivos criaram várias possibilidades de adaptação do conhecimento ao currículo praticado. Apresentamos resultado de pesquisa sobre Educação Escolar Quilombola cujo tema é a Educação escolar quilombola. Nossa objetivo foi resgatar memórias das mulheres do Jongo de Conceição da Barra, valorizando sua fé e a sua resistência, por meio de narrativas e, a partir delas identificar como podem relacionarem-se e criar novos diálogos com os currículos escolares. O percurso metodológico da pesquisa compreende análise qualitativa do discurso, considerando diagnóstico preliminar sobre os conhecimentos difundidos ou não na escola, as interfaces das discussões sobre Educação Quilombola e as narrativas das mulheres no/do território. O percurso metodológico articula história oral com entrevistas semi-estruturadas. Nossas sujeitas são quatro mulheres negras da Comunidade Quilombola de Linharinho e o processo de “tradução” e como base de estudo utilizamos a escola em território quilombola EMEF Dr. Mário Vello Silvares com estudantes 9º ano que vivenciaram de forma intensa as culturas quilombolas durante o processo de pesquisa. Como resultado, identificamos que as mulheres jongueiras são fontes de manutenção das territorialidades quilombolas, pois conservam práticas de conhecimento, identidade e cidadania, fortalecendo a formação de lideranças femininas necessárias para o exercício de composição dos currículos escolares para a valorização da população negra e compreensão de uma Educação Antirracista.

Palavras-chave: Memórias. Educação Quilombolas. Territorialidade.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se dá no território quilombola – Sapê do Norte, região que agrupa os municípios de São Mateus e Conceição da Barra no Norte do Espírito Santo. Investigamos práticas possíveis para pensarmos a Educação Quilombola a partir da investigação das histórias, narrativas e memórias contadas e vivenciadas pelas mulheres quilombolas do jongo. Neste sentido, trazemos às memórias de infância e adolescência deste pesquisador, já que “falo de dentro” do território, como sujeito que vivenciou a criação no território, nas práticas quilombolas e hoje de outro lado, consegue escrever sobre elas. Portanto, entrecruzam-se memórias próprias, de família, memórias do Sapê do Norte a partir de mulheres quilombolas.

Figura 1 Mapa de Limites Administrativos do município de Conceição da Barra



Conceição da Barra é uma cidade que desperta memória afetiva de seus habitantes e visitantes, que se encantam com suas paisagens, tradições e diversidade. Lima (1995, p.25) acrescenta que a data oficial da emancipação política de Conceição da Barra, que é 06 de outubro de 1891, não tem tanta relevância para a identidade e a cultura dos barreenses, que preferem celebrar o aniversário da cidade no dia 08 de dezembro, dia da Padroeira Nossa Senhora da Conceição. De acordo com Lima, a memória coletiva dos moradores locais está mais ligada à religiosidade e à tradição do que os registros oficiais.

Por outro lado, é fundamental entender-me nesta comunidade como propulsor e impulsionador de práticas antirracistas na escola, de ascendência materna quilombola do Angelim de dentro – localidade deste território, professor em uma escola que recebe estudantes quilombolas. É deste lugar que vivenciamos cotidianamente práticas racistas e assim propusemos estudar as territorialidades quilombolas e práticas de enfrentamento ao racismo a partir do que entendemos como “Educação Quilombola” que pretende a partir de suas territorialidades constituir-se como um processo de reconhecimento identitário (Andrade, 2018).

Osvaldo Martins de Oliveira (2022, p.1) Identifica em suas pesquisas a luta constante que os quilombolas enfrentam pela defesa de seus territórios e de suas cultura. São ameaçados por diferentes formas de violência e exploração. Mostra que os quilombolas não são vítimas passivas desses processos, mas também sujeitos ativos que resistem e reivindicam seus direitos. Diante disso, Oliveira (2022, p.1) destaca que os territórios quilombolas não são apenas espaços físicos, mas também espaços simbólicos, onde se expressam identidades, memórias, saberes, cosmologias e espiritualidades dos quilombolas.

Ainda considera Oliveira (2022, p. 2) que o direito à memória não é algo natural ou dado, mas sim algo é construído e disputado social e historicamente. Em vista disso, à memória envolve questões de poder, de reconhecimento, de reparação, justiça, pois foi uma conquista dos movimentos sociais que lutaram pela democratização do país e pela garantia dos direitos humanos. Portanto, o direito à memória está inscrito na Constituição da República Federativa de 1988 como uma forma de proteger e valorizar a diversidade cultural e histórica do país, sendo assim a memória é um direito fundamental para construção da cidadania e da identidade nacional.

A partir da perspectiva de Oliveira (2022), podemos compreender o direito à memória como um processo social e histórico que está em disputa entre diferentes grupos e interesses. Nesse sentido, a memória não é apenas uma expressão individual, mas também uma construção coletiva que envolve questões de poder, de reconhecimento, de reparação e de justiça. Pollack (1989, p.10) considera que as memórias individuais expressam as experiências, os sentimentos e as identidades dos grupos

minoritários ou dominados, porém essas memórias serão afetadas, reprimidas e transformadas pela memória oficial.

Schiffler e Nascimento (2012, p. 2) assinalam que a cultura, a memória e a história de um povo são construídas e transmitidas de diversas formas, não apenas pela educação formal, mas também pela educação que se dá nas comunidades, a comunidade educa, o meio social educa. Portanto afirmamos que as comunidades tradicionais são fundamentais neste processo educativo. Possuem saberes culturais próprios, que são registrados e compartilhados oralmente, de geração em geração, expressam identidades, resistências. Assim, esses saberes e culturas são válidos e importantes e para além do reconhecimento, há necessidade de sabermos como trabalhar com esses conhecimentos diversificados nas escolas, e que necessitam ser reconhecidos e valorizados e pelo campo acadêmico , principalmente na formação de professores.

Patrícia Gomes Rufino Andrade (2007, p.44) pesquisadora da Educação Quilombola e da Educação Escolar Quilombola, aponta em suas pesquisas a necessidade de valorizarmos os saberes cotidianos na comunidade quilombola, o que significa reconhecer que todos os saberes são importantes, válidos e complementares, e que não há uma hierarquia ou uma superioridade entre eles. Ela usa o conceito de rizoma, que é uma forma de organização não linear, não centralizada e não hierárquica, para sugerir que os saberes cotidianos devem se relacionar de forma horizontal, ou seja, sem subordinação ou dominação. Desse modo, todos os saberes têm suas limitações e suas possibilidades, e que podem enriquecer mutuamente, a partir do ponto que em que se respeitam e se valorizam.

Dessa forma, Schiffler e Nascimento (2012, p. 5) salienta que as comunidades tradicionais que se baseiam na tradição oral, não se limitam às representações canônicas, que seguem padrões, normas e modelos estabelecidos. Sendo assim, as culturas das comunidades tradicionais apresentam práticas passadas de geração em geração em movimento, performáticas, que são aquelas que não têm forma fixa, se adaptam às circunstâncias e as estruturas que se apresentam no ato da expressão. Em síntese, essas práticas são produzidas no ato da sobrevivência social, ou seja, são formas de resistir, de afirmar e valorizar as múltiplas identidades das comunidades tradicionais.

Portanto, importante nesta pesquisa reafirmar as interfaces desses contextos aprendentes, em que “Guardiãs do Território” – como chamamos nossas pesquisadas protagonistas, possam especialmente por meio do jongo, prática cultural afro-brasileira uma manifestação cultural que envolve música, dança, poesia e ritual, demonstrarem o processo educativo ancestral das comunidades negras.

As questões que nortearam a pesquisa foram: Como pensar a Educação Escolar em uma comunidade quilombola? Como resgatar a memória das mulheres do jongo de Conceição da Barra, valorizando sua fé e sua resistência de maneira que possam contribuir para a educação escolar quilombola? Essas questões se justificam pela importância de preservar e divulgar as memórias quilombolas, que são fontes de conhecimento, de identidade e de cidadania.

Além disso, o tema – Educação Escolar Quilombola se relaciona com o objetivo geral desta pesquisa que é: resgatar as memórias das mulheres do Jongo de Conceição da Barra, valorizando a sua fé e a sua resistência, por meio de narrativas. E os objetivos específicos: 1) Identificar a partir das memórias, tradições de fé, resistências, as aspirações das mulheres negras lideranças quilombolas. 2) Registrar as memórias relacionadas ao jongo, e aos anseios das mulheres que lutam pela equidade em Linharinho.

2 METODOLOGIA

Nossos caminhos metodológicos foram concatenados aliando a observação participante às perspectivas da História Oral e da História oral temática. As entrevistas e narrativas foram interpretadas com auxílio teórico de Paul Thompson (2002) e Bom Mehdy (1996). Tompson (2002) conceitua a *História Oral* como a “(...) interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”. Por meio dessa definição é possível entender a importância de capturar a história e as transformações das sociedades e culturais por meio das narrativas pessoais. É importante considerar que a *História Oral* não é apenas um registro de eventos do passado, mas também um mosaico de experiências e memórias individuais. Em termos práticos, Thompson (2002) reforça que cada pessoa é um portador de uma parte da história, e suas lembranças são valiosas para compreender o todo. Mehdy (1996, p.9):

[...] a história oral tem aproximado pessoas preocupadas com dois aspectos importantes da vida contemporânea: [...] a inclusão de histórias e versões mantidas por segmentos populacionais antes silenciadas, por diversos motivos, ou que tenham interpretações próprias; variadas e não oficiais, de acontecimentos que se manifestam na sociedade contemporânea (Mehdy 1996, p.9).

Andrade (2007) aponta que [...] uso de narrativas a partir dos pressupostos da história oral, no caso não necessariamente da vida do sujeito, mas de suas vivências, apresenta-se como forma de contribuir para que concepções, experiências sejam socializadas [...]. Esta então é uma grande contribuição para compreensão dos professores sobre saberes quilombolas e a transposição dos mesmos para seus currículos escolares.

Com base no que dispõe Thompson (2002) a *História Oral* valoriza o individuo e reconhece a diversidade de perspectivas na interpretação dos eventos históricos. Assim como também, é uma forma de democratizar a história, dando voz àqueles/aquelas que, tradicionalmente, não são ouvidas. Thompson (2002, p.10) enfatiza que a *História Oral* é um método *interdisciplinar*, e transformador que cruza e une diversas áreas do conhecimento, como sociologia, antropologia, história e estudos literários e cultura.

Para dialogar com essas questões, Salvatici (2005, p. 29) explica que a abordagem interdisciplinar da *História Oral* é “(...) inserir as vozes que faltavam, as dos desfavorecidos, a fim de criar uma nova” história vinda de baixo”, ou seja, uma História Oral que emerge dos quilombos, histórias de mulheres silenciadas, invisibilizadas, em contraste com a história escrita predominantemente a partir da perspectiva do canône da branquitude.

É importante enfatizar que a *História Oral* é diferente da *História de Vida*, mas ambas contribuem para dar visibilidade às *histórias vinda de baixo*. Desse modo, Segundo Thompson (2002, p. 12) a *História Oral* é mais ampla, abrange uma variedade de experiências e memórias dentro de um contexto social ou histórico maior, sendo que ela pode incluir muitas vozes e perspectivas diferentes. Por outro lado, as narrativas *apresentadas nesta pesquisa, são fragmentos das Histórias de Vida* de mulheres quilombolas revisando detalhes de experiências muitas vezes desde a infância, “vida na infância e na fase adulta mais que com a infância propriamente dita”. Thompson (2002, p.12-13). Estas passagens estão dispersas nas análises das narrativas de nossas guardiãs.

Vale dizer que, para Thompson (2002, p. 14) “A *história oral* que dispensa atenção à amostragem, ou melhor, que está vinculada a amostras de *survey* mais amplas, tem um importante potencial para preencher esse hiato, e assim fazendo, fortalecer ambos os tipos de pesquisa”. Sendo assim, foram selecionadas cuidadosamente as mulheres quilombolas do jongo para que representariam adequadamente esse grupo de mulheres. Visto que a amostragem é crucial, as participantes foram selecionadas cuidadosamente, por sua representatividade nas atividades do território.. Ao vincular *História Oral* as *amostras de survey mais amplas*, desse modo preenchemos lacunas deixadas por outros tipos de pesquisa, como as pesquisas quantitativa, e vice-versa. Assim, podemos oferecer uma compreensão mais completa e representativa sobre as histórias ocultadas, vozes silenciadas no território.

As representatividades das mulheres quilombolas é alvo de muitos questionamentos, porque na maioria das vezes as lideranças quilombolas são homens que desenvolvem atividades locais. Mas em nossa percepção entendemos que são as mulheres as mantedoras das territorialidades jongueiras uma vez que são elas lideranças do jongo, ocupantes das atividades e organizadoras das festas.

Desta forma ao buscarmos intercalar as atividades do território com as práticas escolares era necessário saber incialmente quais seriam os gargalos. Então foi necessário iniciarmos com um questionário diagnóstico aplicado aos professores e alunos, para entendermos por onde e quais seriam nossas principais dificuldades. Nos perguntamos muitas vezes: Como é possível dialogar os saberes da comunidade com as atividades curriculares?

Registradas as entrevistas e narrativas de quatro mulheres quilombolas guardiãs do jongo da Comunidade Linharinho, localizada no município de Conceição da Barra são elas: Dona Gessi Cassiano, guardiã do Ponto de Memórias de Santa Bárbara, Letícia dos Santos Nascimento, Luandra Gomes dos Santos e também e Juliana Gomes dos Nascimento – Jovens Jongueiras da nova geração. Assim, trazemos as narrativas dessas mulheres, contribuindo para uma compreensão mais inclusiva e diversificada do território, reconhecendo que cada indivíduo possui uma história valiosa que contribuiu para uma educação escolar quilombola.

As narrativas passaram por um intenso processo de leitura e categorização por assuntos. Esta tarefa hercúlea, contou com imersões nos territórios, quando para além das entrevistas e dos momentos em que as conversas surgiam esporadicamente, foram também desenvolvidas narrativas atuantes com os alunos que estiveram no local em visitas pedagógicas.

3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Complementado os procedimentos metodológicos de pesquisa já delineados, através das respostas obtidas no questionário diagnóstico, preenchido por estudantes do nono ano e funcionários da EMEF. DR. MÁRIO VELLO SILVARES pudemos desenvolver estratégias eficazes para a contribuição da implementação da Educação Quilombola. Essa participação ativa dos estudantes do nono ano foi um passo fundamental para a construção de mecanismo que possa valorizar divulgar e integrar as ricas tradições, saberes e fazeres do jongo.

Após o questionário, os estudantes realizaram duas visitas técnicas à Comunidade Quilombola Linharinho. Através dessa colaboração, os estudantes tiveram a oportunidade única de imergir na realidade de um quilombo, compreendendo seu funcionamento e a riqueza da *História Oral*. *Nosso desafio aqui seria construir pedagogicamente possibilidades para melhor compreensão tanto histórica, quanto aproveitamento das visitas.* Para melhor organização os estudantes foram divididos em quatro grupos temáticos para uma distribuição eficiente das tarefas Sendo assim apresentamos quatro temas:- Grupo 1 Territorialidade – Grupo 2 Fé – Grupo 3 Narrativas – Grupo 4 Jongo.

As atividades pós-visita – foi o momento da organização/construção de um Referencial de Práticas Pedagógicas Antirracistas para a Educação Quilombola. Com o *Chromebook* em sala de aula,

os estudantes fizeram todas as produções usando o *Canva c* com base nas informações coletadas no quilombo. As produções destacaram narrativas, memórias, fé e resistências.

4 TERRITORIALIDADES QUILOMBOLAS: OS SABERES NA CONSTITUIÇÃO DAS: SUJEITAS DA PESQUISA

A territorialidade revivida pela memória, pois de acordo com Ferreira (2010, p.12-13) o lugar é um elemento fundamental para a construção da identidade e da territorialidade das comunidades do Sapê do Norte. O lugar é o espaço onde se elaboram as formas de vida, de significação e compreensão do mundo dessas comunidades, que são baseadas em saberes próprios, constituídos historicamente e transmitidos de geração a geração.

É preciso entender essa conflitividade da territorialidade negra no Sapê do norte. Ferreira (2010, p. 13-14) nos chama atenção para esses conflitos enfrentados com os grupos brancos que tentaram dominar e explorar suas terras e seus recursos. É importante refletir, pois esses conflitos começaram na escravidão, quando os negros resistiram à opressão, humilhação e fugiram para os quilombos. Conforme, Ferreira (2010) esse conflitos continuam até hoje, após a escravidão, quando os quilombola precisam lutar pelo reconhecimento das suas terras, e isso se intensificou nos anos de 1960 quando as empresas de celulose e carvão invadiram a região com grandes plantações de eucalipto.

Ferreira (2010, p.13-14) usa o conceito de territorialidade para mostrar que as comunidades negras do Sapê do Norte têm uma relação especial com o espaço onde estão situadas, que é mais do que um simples lugar, mas um território. Um território que tem um significado cultural, histórico, político, afetivo para esse grupo social que constrói e defende como parte de sua identidade. Vale ressaltar que o território é um espaço de poder, onde se manifesta as relações de dominação e resistência.

Andrade (2018, p. 83) reforça que “as territorialidades e as fronteiras que se fazem e refazem. Nesse sentido, entendo ser pertinente que a discussão do espaço físico se relate com o espaço subjetivo que também se movimenta”. Desse modo, territorialidades e fronteiras não são apenas realidades objetivas, mas também subjetivas, que envolvem as dimensões afetivas, emocionais e imaginárias dos sujeitos e dos grupos que habitam e produzem o espaço. É importante entender, que o espaço físico é o lugar concreto onde os sujeitos vivem, trabalham se divertem entre outros. Por outro lado, o espaço subjetivo é o lugar simbólico, onde os sujeitos constroem suas identidades, valores e sentimentos.

(...) e eu tenho muitas referências de mulheres fortes dentro da minha comunidade, e eu tento assim, que nem que seja o mínimo, tento me inspirar nelas, igual falei da minha tia Helda, da minha mãe, da minha avó, de Gessy também, de outras tias minhas, da Beatriz, entre outras mulheres dentro da minha comunidade. Então, ser mulher, para mim, é muito árduo, tem que ter muita resistência, porque não é fácil, a gente vive num mundo preconceituoso, a gente não basta ser preto, e quando a gente é mulher, eu acho que é mil vezes pior. Porque em questão de salário, em questão de concurso, em questão de emprego, é muito difícil. E quando você quer prestar uma faculdade, quando você quer ser alguém na vida, você às vezes é muito discriminada, a gente sabe o porquê, mas a gente não quer encarar o porquê, é muito difícil, aí a gente fica: “até quando isso vai acontecer? Até quando isso vai atrapalhar nosso futuro?” mas eu sempre tento me inspirar, poxa: se Dandara foi forte, por que eu não posso ser forte também? Por que eu não posso ter a força dela também, para enfrentar nesse mundo tão racista, tão injusto? Será que eu não tenho essa capacidade de ser também uma Dandara da vida? Uma Luanda forte também da vida? (Luandra Gomes dos Santos, entrevistada no dia 19 de abril de 2024).

A fala de Luandra nos faz lembrar o poema *Vozes-Mulheres* (2008), de Conceição Evaristo. O poema é um convite a celebração da ancestralidade e da memória coletiva das mulheres negras. Percebe-se que a entrevistada destaca a importância das mulheres quilombolas estarem sempre à frente de suas comunidades, isso nos ensina muito sobre a liderança dessas mulheres, que são guardiãs das tradições, recursos naturais e o cuidado com o lar e a terra.

Sob essa ótica, Andrade (2021, p.82) no artigo *Sobre Políticas do Corpo Negro Feminino e Territorialidades Jongueiras no Enfrentamento ao Racismo*, vai nos dizer que:

(...) em estratégias de oposição e fortalecimento de lideranças femininas que, historicamente no enfrentamento destas forças, evidenciaram aprendizagens intergeracionais, passadas dos mais velhos aos mais novos como estratégias de sobrevivência (Andrade, 2021, p.82).

Assim como Luandra, Andrade (2021) destaca a importância da transmissão de conhecimento e experiência entre gerações. Assim, como as mulheres quilombolas passam estratégias de sobrevivência dos mais velhos aos mais novos, percebe-se que a entrevistada também se inspira nas histórias e forças das mulheres que precederam.

Luandra, nos chama atenção em relação à valorização dessas lideranças femininas e na compreensão de como a resistência delas é fundamental para a sobrevivência do quilombo. Ela também destaca os desafios enfrentados por essas mulheres negras: preconceito, desigualdade salarial, discriminação no acesso à educação e ao emprego. Andrade (2021, p.81) nos fala que:

(...) a mulher geradora, protagonista, autorreferenciada. Tornar- se negra entendendo este processo, passa pela aprendizagem do reconhecimento desta mulher com seu próprio corpo, com sua comunidade e de religação com sua ancestralidade” (Andrade, 2021, p81).

Essas territorialidades são constitutivas quando essa mulher entende que não é apenas um objeto passivo, mas sim, um sujeito que cria, lidera e se define. É compreender quando este torna-se negra, acontece a partir do reconhecimento de sua própria identidade racial e cultural. Portanto, as mulheres quilombolas são agentes da mudança, que lutam contra a opressão e fortalecem-se como mulher negra, No quadro abaixo, descrevemos quem são nossas sujeitas, e logo após trazemos suas narrativas para análises e percepções destes processos de territorialidade.

Segue abaixo o perfil das entrevistadas:

| ENTREVISTADAS | IDADE | ETNIA | FORMAÇÃO | OCUPAÇÃO |
|----------------------|--------------|--------------|---------------------------|--|
| Gessi | 65 | Quilombola | 3º série Ens. Fundamental | Mestra do Jongo, Presidenta da Associação das Mulheres Quilombolas |
| Luandra | 28 | Quilombola | Bacharel em Direito | Coordenadora de projetos da Associação da Comunidade Quilombola de Linharinho – ACQL |
| Juliana | 28 | Quilombola | Ensino Médio | Associação da Comunidade Quilombola de Linharinho/ Membra da Associação das Mulheres / Secretária da Igreja Santa Bárbara. |
| Letícia | 27 | Quilombola | Engenheira Química | Alcon |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024

Exploraremos aqui, a Categoria de Luta e Resistência das mulheres da Comunidade Quilombola de Linharinho. Apresentaremos os apontamentos das entrevistas, seguindo a construção das questões norteadoras: Como pensar a Educação Escolar em uma comunidade quilombola? Como resgatar a memória das mulheres do jongo de Conceição da Barra, valorizando sua fé e sua resistência de maneira que possam contribuir para a educação escolar quilombola? A fim de compreender os desafios enfrentados por essas mulheres negras quilombolas, do município de Conceição da Barra – Espírito Santo, Comunidade Quilombola de Linharinho, como elas se unem para preservar sua cultura reivindicar seus direitos e enfrentar a opressão.

Segundo Thompsom (2002, p.16-17) destaca que:

(...) a história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos. Essas vozes ocultas são acima de tudo de mulheres – e é por isso que a história oral tem sido tão fundamental para a criação da história das mulheres; mas existem muitas outras, tais como os trabalhadores que não estão organizados em sindicatos, os muito pobres, os deficientes, os sem-teto ou grupos marginalizados. No Brasil isso inclui particularmente os povos indígenas, as comunidades rurais de ex-escravos que viviam nos quilombos e, acima de tudo, as famílias das favelas das grandes cidades (Thompson, 2002, p.16-17).

As mulheres negras da Comunidade Quilombola de Linharinho são tesouros valiosos que nos conectam com o passado e nos permitem entender suas lutas, resistências, experiências. As mulheres

quilombolas têm sido fundamentais para a sobrevivência e resistência do quilombo, sendo elas verdadeiras guardiãs das memórias.

Andrade (2021, p.87) destaca a importância de práticas aquilombadoras, políticas, culturais e religiosas no trabalho das mulheres escravizadas e pós-escravizadas, tanto no campo, quanto na cidade. São:

(...) práticas aquilombadoras, políticas, culturais, religiosas, que até hoje são reconhecidas nos terreiros das zeladoras de santo, “Mães” Matriarcas, nas lutas políticas das ancestrais. Mulheres como Aquatune, Dandara, Constância de Angola, Zazimba Gaba, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Luiza Bairros, Mestre Nêga (Jongueira Sapê do Norte), Mestre Gessy (Jongueira Sapê do Norte), Mestre Maria Amélia (Jongueira Sapê do Norte), são mulheres que incorporaram em seu “DNA”, essas lutas e de alguma forma se autorreferenciam em suas estratégias de enfrentamento. Nessas lutas, a resistência agregadora, transforma o coletivo, principalmente por se constituir em um espaço a mais para companheirismo e solidariedades estimuladas nos convívios e partilhas cotidianas (Andrade, 2021, p.87).

A resistência agregadora dessas mulheres transforma o coletivo, criando assim um espaço adicional para a solidariedade, companheirismo nas interações do cotidiano. Dessa maneira, a partir das entrevistas fica evidente que o processo de luta e resistência dessas mulheres negras quilombolas teve inicio desde cedo. Mesmo assim, essas mulheres nunca deixaram de sonhar, de persistir, de seguir em frente na luta pelos seus direitos, como mostra no quadro abaixo:

| MEMÓRIAS | ENTREVISTADAS |
|---|--|
| (...) tudo isso que nós tinha a firmá tirou, tirou nossa água, tirou nosso solo, é por isso que fala, que antigamente dizia um território saudável, hoje existe no olhar das pessoas, território amaldiçoado, mas pela firmá é o eucalipto e a plantação de cana que caba com nosso solo. | Gessi Cassiano – 12 de abril de 2024 |
| (...) ser mulher quilombola e preta, é força, é garra e sempre seguir o caminho de cabeça erguida. Nunca abaixar a cabeça. Já abaixei a cabeça várias vezes. Mas hoje eu aprendo, já aprendi bastante, que eu não tenho que abaixar a cabeça pra ninguém, não. Eu tenho que pisar mesmo, então, eu piso na cabeça da serpente. | Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024 |
| Na comunidade, minha relação é lutar junto com todos lá dentro, né? Lutar pelas coisas que a gente precisa, pelas coisas que é nossa, a gente dá ênfase na terra, né. Que a gente luta muito pelas terras, e trabalhar em união, também lá. A gente gosta muito de trabalhar unidos, né! Um sempre ajudando o outro, lá na comunidade. A minha relação é essa, né? | Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024 |
| A principal luta é conseguir as terras tituladas que o povo que veio no passado comprou e acabou pegando a mais. Então, hoje em dia, é querer pegar de volta o que é dele. Ou seja, a Suzano, que hoje em dia é Suzano, que lá atrás não era Suzano, que teve vários nomes pra trás, o Vivaldo. Os outros que compraram a terra, quando eles vieram comprar, o que o povo fala é que eles vieram comprar um pedaço. “Ah, eu quero dois hectares”. Eles não pegavam dois hectares, eles pegavam quatro. Então, eles pagavam por dois, mas era quatro. Então, hoje em dia, é mais ter essa posse da terra titular em mãos do que é dele, do que é nosso, o direito. Essa é a principal hoje em dia que nós temos. | Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024 |
| (...) se não for os nossos mais velho, que nós chamamos de ancestrais, os nossos mais velho, que nós conversamos de resistência, passar o que nós | Gessi Cassiano – 12 de abril de 2024 |

falamos aqui, nós não teria resistido. Esse ponto de memória foi feito com barro, vara, areia e com várias mãos. Várias mãos ele foi passado. Vocês vêem que aqui tem uma parte de lajota, que passou aí pra trás vê que tem uma parte de estuco. E aí quando nós pensamos, porque eu nunca imaginei... E a gente, pra dar continuidade dentro da nossa tradição, a gente tinha que passar por prova, criar família, criar amigos.

Lá dentro do quilombo é de força, assim superação de força, né? Porque lá eles negóciaram muito assim, as coisas vão à frente porque é dos jovens, principalmente das mulheres, né? Então, as mulheres tudo lá tá de frente, a gente não deixa nada passar batido assim, a gente sempre tão ali dando força a todo mundo, em todos os sentidos. Na roça, no trabalho, assim, em todos os sentidos, a gente tá ali, as mulheres negras, ali dando força.

Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024

Assim, Fanon (2022, p 57) vai nos dizer que “A colonização ou a descolonização é simplesmente uma relação de forças. O explorado se dá conta de que sua libertação supõe todos os meios e em primeiro lugar a força”. Essa perspectiva ressoa nas vozes dessas mulheres negras quilombolas que são resistentes, enfrentam desafios e lutam pelos seus direitos.

As entrevistadas relevam como suas terras foram exploradas e esgotadas, retirando recursos naturais como água e solo, e como isso impactou negativamente o território. Ao mesmo tempo percebemos na fala de Dona Gessi quando ela diz do olhar externo que muitas vezes estigmatiza essas áreas, consideradas “amaldiçoadas”, porém, a exploração real provém do cultivo de eucalipto e cana de açúcar.

É importante perceber a forças dessas mulheres negras quilombolas, que se recusam a abaixar a cabeça, e enfrentam os desafios com determinação. Assim como também, vale destacar a coletividade da comunidade para lutar por suas necessidades, e também a importância da ancestralidade, dos mais velhos que desempenham um papel crucial na resistência.

Para uma melhor compreensão mais aprofundada da categoria ‘Luta e Resistência’, dividimos em subcategorias. Desse modo, essas subcategorias incluem memórias relacionadas a: O Jongo como saber ancestral feminino, Fé, Santa Bárbara, a padroeira da Comunidade, Infância, Ser Mulher Negra Quilombola, Educação Quilombola. Assim, começaremos nossa análise explorando as memórias do jongo.

| MEMÓRIAS | ENTREVISTADAS |
|--|---|
| Quando ela e dançada com a sabedoria que deve ser, hoje as pessoas dançam para se amostrar. Porque o jongo é dor, alegria e sofrimento. É duas coisas ligada à ancestralidade o couro e a madeira, o couro é um alimento e no mesmo instante é uma criação abençoada, porque o couro tem que ser de boi e a madeira é a natureza, é a madeira (...). | Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024 |
| (...) A gente trabalhou por um tempo com o jongo de Santa Bárbara, não somente na dança, nos tambores, na cantiga, mas também como história, né? Foi também como história pra gente também, com as meninas. | Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024 |

| | |
|--|---|
| <p>É uma dança de liberdade. A gente, quando está dançando lá a gente se sentia tão liberto, eu acho que é porque já vem do povo da gente de antigamente, né? Quando eles tinham alguma vitória, os escravos tinham alguma vitória, que ia dançar e ia bater o tambor. Aí a gente já veio com aquilo, que quando batia o tambor, a gente já começava a dançar na roda.</p> | <p>Juliana Gomes dos Nascimentos – 21 de junho de 2024</p> |
| <p>Além da cultura, a amizade, a alegria de brincar, de estar reunido, de mostrar para o mundo a nossa cultura, a nossa realidade, que a gente olhe, a gente já foi em vários lugares e já fomos muito aplaudidos. Tipo, a gente nunca espera isso, ser reconhecido na nossa cultura e que na comunidade você reconhecido: “olha o jongo, esse jongo é do Linharinho”. Eles falam assim: “ah, o jongo é diferente, né?” “É diferente”. “Mas por que é diferente?” “Ah, porque a gente mistura o jongo, aquele jongo que é o jongo mais tradicional, com um pouco de dança africana”. Entendeu?</p> | <p>Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024</p> |
| <p>(...) O jongo você segura aqui na ponta da bainha, a saia ela tem que ser rodada, porque você suspende o lado e aqui ela cria barreira, atrás ela cria barreira, no tudo que você faz isso é que a saia que tem fazer o movimento, às vezes você só faz isso, a saia é que tem que fazer o movimento. E hoje eles suspendem a saia pra rodar.....</p> | <p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p> |
| <p>Eu acho que é alegria, a sensação de poder dançar, a sensação de poder mostrar algo que nossa comunidade tem, que é diferente, que ninguém nunca viu, que muitas pessoas nunca viram, que muitas pessoas têm curiosidade de ver.</p> | <p>Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024</p> |
| <p>(...) porque o jongo era para esconder o grito da dor, esconder o fugimento de negros na senzala. O jongo era para esquecer as dores, trazer a paz e a alegria. Você ta entendo o que é o jongo? Você pode estar quietinho, mas se forma uma roda de jongo, né, pra quem busca dá três toques no tambor, você já se alerta: Olha! Vai ter jongo, alguém bateu tambor. Então, é um alerta, hoje não existe mais, mas a comunicação de um tambor dentro de um quilombo o eco leva de um a outro.</p> | <p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p> |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024

As falas das entrevistadas revelam uma profunda conexão com o jongo, uma dança tradicional africana, que se tornou parte essencial da herança ancestral dessas mulheres quilombolas. Evidencia-se uma profunda ligação ancestral, sendo transmitido oralmente, preservando memórias e tradições.

Os estudos de Hall (2003, p. 136) consideram a cultura como um conjunto de valores e significados compartilhados, pois segundo o autor ela não fica estagnada, ela se transforma e se adapta ao longo do tempo. De acordo com o seu pensamento:

A cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas – “dentro de identidades e correspondências inesperadas”, assim como em, “descontinuidades de tipos inesperados” - dentro ou subjacente a todas as demais práticas sociais. A análise da cultura e, portanto, “a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos” (Hall, 2003, p. 136).

Hall (2003) vai destaca a cultura como um conjunto de valores e significado compartilhados. As falas das entrevistas refletem essa visão, pois elas descrevem o jongo como algo que vai além da dança e dos tambores, que representa ancestralidade, carregada de memória, história, identidade e a liberdade do seu povo.

Assim como Hall (2003) defende, a cultura não é apenas um conjunto aleatórios de elementos, mas sim um “padrão de organização” que estrutura e dá forma a vida social. No contexto do jongo, essa organização se manifesta por meios movimentos específicos coreografados, ritmos de tambores e a formação de uma roda. Além disso, o jongo evolui no decorre do tempo, misturando elementos tradicionais com influência africana. Essa combinação representa a “descontinuidades de tipos inesperados”, pois transcende as fronteiras culturais e cria algo novo e único, mas sem perder a sua essência.

| MEMÓRIAS | ENTREVISTADAS |
|--|--|
| (...) vou botar com dois mês de nascida, eu fui representada, pra ela, na Mesa de Santa Bárbara, agora pra quem eu não sei, na Mesa de Santa Bárbara. Quando eu completei três meses, eu tive que ser batizada, na Mesa de Santa Bárbara. | Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024 |
| (...) Aí, eu tenho muitas memórias dela no terreiro dela, que era uma casa que era pertinho da casa dela, ainda tem até hoje. Algumas pessoas fazem festa de Cosme e Damião lá. E eu lembro dela sempre trazendo bala pra gente, para eu e minha irmã, doces também, e sempre ensinando alguma coisa que ela aprendia, alguma coisa nova, igual falei sobre as ervas medicinais, sobre os banhos que curam, os banhos que dão alívio. | Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024 |
| (...) Lá na minha comunidade, eu, tem várias outras culturas né? Tem quem mexe com condombré, tem um que é da religião católica, hoje até, era tudo misturado, mas hoje até que deu uma separada que eu não entendi o porquê. Mas eu, eu mesmo, hoje em dia, eu sou mais na igreja católica. Minha religião é lá na igreja católica, sou devota de Santa Bárbara, né? Mas não quer dizer que eu já participei de outra, não, que eu já. Lá minha avó, tinha o centro dela, não tem? E aí a gente participava. | Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024 |
| (...) Porque a gente sabe que a gente vive, aquilo ali é como se a gente tivesse um pouco da matriz africana do povo que veio da África pra gente, onde a gente está permanecendo, mostrando que a fé da comunidade não morreu em relação ao que o povo africano trouxe. E a gente está cultivando algo dos nossos ancestrais, que veio lá do passado, lá do povo que veio, quando veio pra vida pro Brasil da África. | Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024 |
| (...) Agora são coisas das entidades e a gente não procura muito entrar por esse lado, porque eu acho assim, se uma entidade vem, te avisa, te fala tudo o que você tem que fazer, você tem que fazer. Que se for pra você saber, ela não vai lhe falar. Porque eu aprendi assim, que tudo que eu ia perguntar meu pai mais minha mãe, o que eles diziam? “Faça e observa que com tempo você vai saber”. Então, não é coisa de momento d’eu tá perguntando, eu tenho que fazer. | Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024 |
| Então, como eu falei, desde pequena a gente soube como cultivar o que vem da terra. E as ervas vêm da terra, as ervas vêm dos nossos ancestrais, do nosso povo quilombola. Então, a importância que ela tem pra mim... É, eu não sei pronunciar certo, mas é uma importância de cura, de renascimento. E eu tenho, assim, uma pena ou dó de algumas pessoas, algumas crianças da minha comunidade não saberem o significado. | Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024 |
| (...) Quando eu vou fazer alguma prova, algum concurso, não tem jeito, você pode olhar até no meu celular. “Reza, a salve rainha, reza tal coisa”. Aí começa um download de várias rezas, de vários chás para eu tomar. Então, assim, ela... Eu tenho um sobrinho de dois anos que eu tento colocar na cabeça dele o que significa pra cada coisa. Minha irmã sabe disso e ela fala: “mãe” (ela mora em São Mateus), “mãe, traz esse tal chá pra dar ao Ruan, porque ele tá sentindo uma dor de dente”. Aí ela vai e leva. Porque aí mostra a importância da nossa cultura, porque é muito ruim a gente ver uma cultura que a gente tanto lutou se perdendo e essas crianças de hoje em dia elas não sabem valorizar isso e também tem alguns pais que não sabem passar isso pra uma criança de uma forma correta. | Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024 |

| | |
|--|---|
| <p>(...) E sempre fui criada no meio desses dois elementos que você falou, né? Um pezinho lá e um pezinho cá. Mas, pra mim, é a mesma função. Você pode reparar, que eu não sei se alguém já te falou, mas quando os escravos se reuniam, eles se reuniam dentro de uma igreja, de um local. E, pra mim, a igreja lá da minha comunidade é onde a gente se reencontra. Antigamente, a gente fazia muitas reuniões e debates lá dentro. Hoje, infelizmente, não pode, né? Muita coisa do ser católico.</p> | Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024 |
| <p>(...) Então, eu ponho que aquela pessoa é zeladora, é o cavalo para deixar a entidade corporal para ajudar quem necessita. Então, aquela pessoa para mim não é mãe, porque ela tem a sabedoria dos orixás, ela tem a sabedoria dos encantados, ela tem a sabedoria da Jurema, ela tem a sabedoria da Emanjá. Então, não é dela. Eu me vejo assim, então, não é dela. Eu me vejo assim, passando uma coisa que eu me vejo, e não é só eu, é nós todos. Tudo que nós aprende é com o orixá. Então como que você é mãe do orixá.</p> | Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024 |
| <p>Quem aqui já viu um pé de baobá? Aqui é um lugar tão sagrado que até um pé de baobá, que é uma árvore sagrada da África a gente tem! Essa árvore ela é tão sagrada na África que quando os negros vieram pra cá, e no mesmo estante uma árvore do esquecimento.</p> | Gessi Cassiano – 12 de abril de 2024 |

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2024.

As falas dessas mulheres negras quilombolas revelam uma profunda conexão entre fé, espiritualidade e ancestralidade. Percebe-se que Dona Gessi relata que foi “apresentada” a Mesa de Santa Bárbara desde os primeiros meses de vida. Luandra por sua vez, fala sobre as festas de São Cosme e Damião, bem como sobre as ervas medicinais, os banhos curativos. Essas práticas refletem a conexão que há com a espiritualidade e os ancestrais e como essa conexão é importante para a construção de sentido em suas vidas e como essas práticas elas são transmitidas de geração em geração, preservando a sabedoria ancestral.

As falas das entrevistadas vão ao encontro do que dispõe Santos (2023, p.30) sobre a pluralidade presente dentro do quilombo, onde diferentes culturas se entrelaçam. Desse modo, a fé dessas mulheres quilombolas transcende fronteiras religiosas, conectando-as com suas raízes e com o sagrado. Há também uma preocupação da perda dessas tradições, especialmente quando os pais não conseguem transmitir.

5 RESULTADO E DISCUSSÃO

A parte boa da minha infância, porque eu estudei, antigamente era de 1^a a 4^a série que falava, eu estudei dentro da minha comunidade. Eu comecei a estudar lá com 5 anos de idade. Estudar, assim, de fazer prova, não. Estou falando de estudar, de ficar sentada lá só ouvindo a professora falar. Minha primeira professora foi Benedita Cassiano. Ela me deu aula até a 4^a série. E era muito bom Wallace, porque a gente não só aprendia português e matemática, a gente aprendia a história da comunidade. (...) E hoje em dia é totalmente diferente, né. Então, pra mim, a escola na comunidade foi um momento muito importante pra mim. E elas também, vou falar pra você, que elas preparam muita gente, assim, na minha época, né. Preparava muita gente pra escola da cidade, que a gente falava, né, pra escola da cidade. Eu me sentia: “nossa, vou pra escola da cidade”. Mas quando a gente chegava aqui, era uma coisa diferente do que

a gente vivia lá, costume diferente, comida diferente. O tempero que tinha lá era o tempero da minha tia, ela cozinhava pra gente, comida com pimenta-do-reino. Era comum, era normal pra gente. Aqui não tinha isso. É uma culinária diferente. Dendê tinha na nossa comida. Aqui não tinha. Então, a gente foi se adaptando quando a gente chegou pra estudar aqui em Conceição da Barca, aqui no centro. E isso a gente acostumou. “Ó, vai ser diferente na escola lá da sede. Vai ser diferente isso, vai ser diferente aquilo. Vocês vão sofrer preconceito, porque a gente sofreu muito preconceito, tá?” (Luandra Gomes dos Santos, 2024)

Levando em conta a história oral detalhada e as vivências compartilhadas por Luandra Gomes dos Santos, podemos perceber a sua conexão profunda com suas raízes e a importância da *Educação Quilombola* que ela recebeu na Comunidade Quilombola Linharinho. Percebe-se, que a entrevistada destaca a riqueza de não aprender somente Língua Portuguesa e Matemática, mas também a cultura da sua comunidade, algo que transcende o currículo tradicional e se enraíza na identidade coletiva.

É interessante observar que a transição para a escola da cidade representa um choque cultural significativo para Luandra. A fala da entrevistada, menciona as diferenças nas práticas cotidianas, como a alimentação, o tempero da comida, que simbolizam perdas de uma pedaço da identidade cultural que é preservada e celebrada dentro da Comunidade Quilombola Linharinho. Com isso, a Educação Quilombola emerge como um pilar fundamental na formação de Luandra, criando mecanismo de fortalecimento sólido de conhecimento e autoestima.

A fala da entrevistada vai ao encontro do que dispõe no artigo *Modos de Ser e Sentir: Entrelaçando Narrativas das Crianças e Professoras Quilombola*, de Araújo; Andrade; Reginaldo; Cassiano (2020, p. 92):

Nessa compreensão é possível entender que trabalhar a Educação Quilombola se refere às diferentes formas que, considerando os contextos da Educação, ampla, diversa, garantida pela LDBN 9394/96 (BRASIL, 1996) e que compreendam currículos que contextualizem e referenciem a história da população afro-brasileira nos territórios devidamente reconhecidos pelos sujeitos que lá estão, pela tradição familiar quilombola independente da força da lei. (ARAÚJO; ANDRADE; REGINALDO; CASSIANO 2020, p. 92):

Considerando o exposto, percebemos que a *Educação Quilombola* deve ser vista dentro de um contexto mais amplo, na qual reconhece a diversidade de experiências educacionais e a necessidade de um currículo mais inclusivo. Isso fica evidente quando Luandra afirma “porque a gente não só aprendia português e matemática, a gente aprendia a história da comunidade”. Desse modo, os conteúdos devem refletir a trajetória, cultura e contribuições dessa população, especialmente nos territórios quilombolas, considerando a vivência e a identidade desses sujeitos.

Outro ponto que merece destaque é o *Curriculum da Educação Escolar Quilombola* que deverá levar em consideração os aspectos gerais indicados nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, assim como um currículo flexível e aberto que reconheça as particularidades das

comunidades quilombolas e se referenciar nos valores das comunidades. Entretanto, a *Educação Escolar Quilombola* deve superar os limites:

ao dialogar e inserir os conhecimentos tradicionais em comunicação com o global, o nacional, o regional e o local, algumas dimensões deverão constar de forma nuclear nos currículos das escolas rurais e urbanas que ofertam a Educação Escolar Quilombola ao longo das suas etapas e modalidades: a cultura, as tradições, a oralidade, a memória, a ancestralidade, o mundo do trabalho, o etnodesenvolvimento, a estética, as lutas pela terra e pelo território. (BRASIL, 2012, p. 42)

Sob essa ótica, a *Educação Escolar Quilombola* integrará os saberes locais das comunidades em articulação com o saber escolar, sem hierarquização. Assim, “Valorizar o passado e recriar o presente tem sido um dos caminhos na construção da identidade quilombola” (BRASIL, 2012, p.42).

O Parecer CNE/ CEB nº 2/2020 que complementa e atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para a *Educação Escolar Quilombola* na Educação Básica destaca que a:

Educação Escolar Quilombola foi pensada para os povos negros, com elementos de suas identidades, raízes ancestrais, recuperando e valorizando saberes tradicionais e sua implementação é acompanhada por consulta prévia, do poder público às comunidades, suas organizações e lideranças, considerando os aspectos normativos institucionais e burocráticos que sustentam as políticas públicas. (BRASIL, 2020, p. 4)

Dessa forma, a *Educação Escolar Quilombola* deve levar em conta os elementos da identidade, ancestralidade e sabedoria tradicional, valorizando e recuperando a história e cultura. Assim como também, a implementação da *Educação Escola Quilombola* requer a participação e a consulta das comunidades quilombolas, das suas organizações e lideranças.

De acordo com as *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (2006, p. 141) o que se deseja, “(...) é que o processo educativo formal contemple a perspectiva de dar sentido aos conteúdos, à aprendizagem, ao conhecimento. (...) na relação com a sua natureza histórica e cultural consigam portar-se, manter-se e situar dentro da sua comunidade”. Assim, a *Educação Escolar Quilombola* promove uma compreensão profunda e conexão com a realidade vivida.

Conforme discutido nas *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (2006, p.147):

O contato com a terra, com o ambiente, com a natureza nas comunidades quilombolas que dispõem de seu espaço próprio, de seu território, sugere uma ideia de que homens, mulheres e ambientes se constituem tanto como diferenciações, como extensões e complementariedades. Este perceber-se evoca uma relação menos estilhaçada com a natureza, com a vida; está relação de interdependência, de reciprocidade, de diálogo é a perspectiva que se pode denominar “interdisciplinar”, pressuposto didático-pedagógico que abarca a consequentemente , compromissos, se os sujeitos neles não se encontrarem, também como

complementaridades. (*Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* 2006, p.147).

A *Educação Quilombola* valoriza a conexão da comunidade com a terra, o ambiente natural e a cultura local. Vale dizer que isso, envolve não apenas ensinar o conteúdo formal, mas conhecimentos tradicionais, práticas sustentáveis e respeito pelas tradições ancestrais. Isso significa a ideia de interdisciplinaridade, como um *pressuposto didático-pedagógico*, que possa integrar diferentes áreas do conhecimento, como saberes tradicionais, históricos, ambientais, sociais precisam coexistir e dialogar, enriquecendo a experiência na Educação Escolar.

Nessa concepção, observa-se que Educação Quilombola fortalece a identidade das comunidades, valorizando suas raízes, línguas, tradições e histórias. É importante observar que essa perspectiva menos *estilhaçada*, reflete uma visão holística, na qual esses sujeitos se veem como parte de um todo.

Ainda nessa discussão, segundo as *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (2006, p.147) é um importante entender o *lugar e a oralidade e nos diversos tons de vozes* como componentes pedagógicos. Desse modo, “O pedagógico, enfim, está na nossa capacidade de exigir de nós mesmos uma docência com um olhar mais atento às diversidades étnico-raciais de modo que a diferença e igualdade sejam possíveis (...”).

Desse modo, é preciso *dar corpo a outros saberes, saberes mais “abertos”, que dêem dinamicidade e consistência aos saberes “fechados”*. Sendo assim, é importante complementar os saberes fechados (aqueles conteúdos mais rígidos, mais específicos) com saberes mais abertos, mais dinâmicos, amplos, flexíveis e adaptáveis (*Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (2006, p.149)

As colocações acima permitem pensar que:

O conhecimento produzido no seio das comunidades negras é um saber que, articula às contribuições dos que estão de “fora”, pode produzir desenvolvimento sustentável, geração de renda, preservação da cultura, enfim, uma perspectiva do etnodesenvolvimento. (*Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (2006, p.150)

A *Educação Quilombola* é um processo que ocorre dentro das comunidades negras, que envolve compartilhamento de conhecimento, assim como também saberes entre seus membros. Percebe-se, que esse conhecimento que é produzido internamente, não é isolado, ele se conecta com as contribuições externas, garantido assim, um diálogo enriquecedor. Então, teremos desenvolvimento sustentável, geração de renda e preservação cultural.

Isso significa dizer que é preciso pensar “(...) em uma formação curricular onde o saber instituído e o saber vivido estejam contemplados, provocando uma ruptura em um fazer pedagógico em que o currículo é visto como grade, hierarquicamente organizado como conteúdos que perpetuam o poder”. Sob essa ótica, pode-se pensar em uma *Educação Escolar Quilombola* que contemple o saber vivido, a *Educação Quilombola* descentraliza o poder do currículo tradicional, rompe com o modelo de currículo hierarquicamente organizado, que muitas vezes perpetuam desigualdade e poder. (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006, p.150).

Pensando nisso, esse entrelaçar da *Educação Quilombola* com o ensino na EMEF Dr. Mário Vello Silvares foi um processo rico, grandioso e transformador. Foram feitas duas visitas a Comunidade Quilombola Linharinho, especificamente no Ponto de Memória Santa Bárbara, os estudantes dos 9º I1, 9º I2 e 9º I3 tiveram a oportunidade de vivenciar essa educação em primeira mão, interagindo com Dona Gessi Cassiano, guardiã do Ponto de Memória.

As experiências na Comunidade proporcionaram aos estudantes um contato direto com as tradições, fé, histórias e saberes quilombolas, que posteriormente foram trazidos para a sala de aula. Na *Educação Escolar Quilombola*, os estudantes participaram de atividades pedagógicas, valorizando as narrativas coletadas durante as visitas. Desse modo, esse entrelaçamento entre vivências reais e práticas educacionais fortalece a identidade, promovendo a valorização da diversidade e contribui para uma educação mais significativa e inclusiva.

Eu já ouvir falar muito do jongo, muitos falaram bem, mas muitos também falaram coisas ruins com por exemplo: “ ah, o jongo é coisa do diabo, fazem macumba, feitiço e etc”. Também já tive muita vontade de participar e também acho muito lindo as danças e o modo da cultura deles, porém com um pouco de medo por conta dos boatos ruins, mas quando fui conhecer realmente um pouco sobre a cultura do jongo com Dona Gessi, eu vi, ouvi coisa muito diferente do que já ouvir dos outros. Eu realmente achei uma experiência muito boa e diferente também. (...) Então, sendo bastante sincera eu amei bastante a experiência de ter ido lá e gostei bastante das palavras de Dona Gessi. O que eu mais gostei foi de uma canção que Dona Gessi cantou, achei muito lindo e diferente. Então, amei bastante de ter ido, se tivesse outras oportunidades de ir eu iria. (Estudante, T.J.P, 14 anos, 9º I³).

A partir da experiência da estudante na Comunidade Quilombola Linharinho podemos destacar um aspecto que é o conhecimento cultural. O valor significativo de vivenciar diretamente uma cultura para formar uma compreensão autêntica. Podemos notar que a estudante começou com uma percepção do jongo por influências por opiniões externas, algumas negativas e outras positivas, que incluem estereótipos e preconceitos. Porém, seu contato direto com Dona Gessi transformou essa percepção.

A experiência direta que a estudante teve com uma jongueira permitiu que ela superasse os boatos e medos infundados, substituindo-os por apreciação e entendimento. Assim, ouvir Dona Gessi,

uma mulher jongueira serviu como um meio poderoso de conexão e expressão cultural, o que é evidenciado pelo impacto emocional que a canção teve sobre ela.

É importante pensar que essa experiência é um lembrete valioso de que as experiências culturais não devem ser filtradas apenas pelas lentes dos outros. Ao invés disso, devem ser exploradas pessoalmente, com uma mente aberta, permitindo que cada indivíduo forme suas próprias opiniões baseadas em interações autênticas.

Desse modo, a experiência da estudante para revisitar a comunidade e continuar aprendendo é um testemunho do poder positivo que uma experiência cultura direta pode ter na superação de barreiras e na promoção da compreensão intercultural.

Na visita técnica, os estudantes dos 9º anos I 1 , I 2 e I3 foram divididos em quatros grupos temáticos, cada um representando um pilar fundamental da identidade cultural quilombola. Desse modo, o primeiro grupo, denominado “Territorialidade”, buscou a conexão profunda entre as mulheres quilombolas e sua terra ancestral. Por outro lado, o segundo grupo, chamado “Fé”, mergulhou nas práticas espirituais e na religiosidade que sustentam a comunidade. O grupo “Narrativas”, que se dedicou a desvendar as narrativas e lendas que são transmitidas através das gerações. Por fim, o grupo “Jongo” aprofundou-se no estudo dessa dança envolvente e de sua importância como forma de resistência e afirmação cultural.

A primeira visita técnica à Comunidade Quilombola Linharinho, realizada no dia 12 de abril de 2024, foi um marco significativo na jornada educacional dos estudantes. Foram 34 estudantes, acompanhados por mim, a supervisora, uma mediadora para um estudante com necessidades especiais e o fotógrafo. Chegamos ao Ponto de Memória de Santa Bárbara por volta das 8 horas: 30 minutos. O ar fresco da manhã e o doce sabor das acerolas colhidas pelos estudantes deram boas-vindas a todos (as), enquanto o aroma da defumação preenchia o ambiente, anunciando a riqueza da tradição do Ponto de Memória de Santa Bárbara.

Figura 2– Chegada ao Ponto de Memória de Santa Bárbara – Comunidade Quilombola Linharinho



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Nesse ambiente caloroso, fomos recebidos por Dona Gessi, a guardiã do Ponto de Memória de Santa Bárbara, cujo sorriso cativante e presença acolhedora imediatamente nos fizeram sentir parte da comunidade. Depois de acomodar todos os estudantes, apresentei-os à Dona Gessi, enfatizando a sua importância e a do espaço que ela zela. Assim, ela compartilhou conosco as histórias e a relevância do Ponto de Memória, e também nos apresentou a Almir, Teresinho da Comunidade Quilombola Angelim de Dentro e sua esposa Patrícia que também contribuíram significativamente com o processo.

Figura 2 – O pesquisador com Dona Gessi Cassiano



Fonte: Arquivo do pesquisador

Figura 3 – Ponto de Memória de Santa Bárbara



Fonte: Arquivo do pesquisador

A segunda visita técnica foi no dia **19 de abril de 2024**. Saímos com 36 estudantes e duas professoras especializadas em atendimento a estudantes. Chegamos ao Ponto de Memória Santa Bárbara por volta as 8horas e 20 minutos, onde fomos recebidos por Dona Gessi Cassiano, a guardiã

do Ponto Memória e também estavam a professora Aissa da Universidade Federal do Espírito Santo, o fotógrafo que estava acompanhando, Léia da Comunidade quilombola São Cristovão, de São Mateus, Natan que é gerente na secretaria de cultura, quilombola da Comunidade de Santana e também jongueiro, Helen da Comunidade quilombola Santana, Teresino e sua esposa Patrícia da Comunidade Angelim de Dentro, Almir e depois chegaram Didito e sua esposa Letícia.

A meu ver, o segundo dia de visita técnica foi o mais emocionante. Fomos calorosamente recebidos por Dona Gessi, que nos acolheu no Ponto de Memória todo perfumado pela defumação. Comecei explicando nosso objetivo para aquele dia, destacando a importância de cada um presente naquele dia e a continuação das nossas atividades que havíamos iniciado em 12 de abril.

Passei a palavra para Dona Gessi que expressou sua alegria em nos receber e a importância daquele encontro. Em seguida, convidou cada um dos convidados para se apresentar, falar um pouco da comunidade. Após as introduções, Dona Gessi nos guiou para fora, onde vivenciamos o ponto alto do dia, a apresentação da árvore Baobá, que emoção! Foi feito um grande círculo em volta da árvore, Dona Gessi compartilhou histórias, memórias, que momento profundo de grande emoção! Em seguida começamos a falar sobre o jongo.

Fizemos uma pausa para o lanche. Dentro do Ponto de Memória os estudantes deram continuidade às perguntas sobre as dificuldades enfrentadas pela comunidade, de acesso a saúde, educação. Encerramos a nossa visita com Dona Gessi entoando o canto para caboclo protetor das matas. Deixamos o Ponto de Memória por volta de 10 horas e 45 minutos, levando conosco memórias inesquecíveis dessa experiência enriquecedora.

Após as duas visitas técnicas na Comunidade Quilombola Linharinho, em sala de aula refletimos sobre experiência vivida naquele espaço, discutimos o que mais impressionou o que chamou atenção, as memórias que ficarão guardadas. Desse modo cada estudante procurou falar um pouco da experiência dentro da comunidade.

Antes de eu conhecer o ponto de memória, eu achava que era um lugar com pessoas que batiam tambor para poder fazer macumba, mas quando eu fui lá no dia 19 eu vi que não era isso. No ponto de memória para eles é um lugar sagrado e muito importante para eles, o jongo para eles é uma manifestação cultural, eles dançam, batem o tambor para poderem dançar, até as crianças participam na verdade todo mundo participa não importa a idade. Eu achei o lugar legal, lá tem uns quadros que representa a religião deles, lá também tem umas santas que representam a religião deles, mas na verdade eles têm várias religiões, eles se divertem bastante dançando jongo, quem dança é as mulheres e quem bate os tambores é os homens, as mulheres podem bater tambor, os homens batem porque eles têm mais força, e eu gostei bastante de conhecer o ponto de memória. (I.B.O.M, 14 anos – 9º I¹).

Percebe-se que a experiência da estudante na comunidade revelou uma realidade cultural rica e diversificada. Antes, ela tinha uma percepção equivocada do ponto de memória, associando-o a

práticas espirituais negativas. Porém, ao fazer a visita, descobriu que é um espaço sagrado e de grande importância cultural. Outra estudante diz:

Antes de ter a experiência, já esperava ser uma chuva de conhecimento, e como o esperado realmente foi. Amei cada parte da pesquisa e Dona Gessi, achei muito interessante sua trajetória e a trajetória dos seus antepassados, irei levar isso para vida. Só me decepcionou foi que muitas pessoas não sabem da existência do quilombo ou olham com intolerância religiosa o que é uma coisa ridícula. (M.E.M.C, 14 anos , 9º I²)

A estudante reflete uma experiência uma apreciação profunda pelo conhecimento adquirido, assim como também pela história de Dona Gessi e seus antepassados, destacando a importância de preservar e valorizar tais narrativas. Portanto, a estudante mostra-se uma preocupação legítima com a falta de conhecimento e a intolerância religiosa que ainda permeiam a percepção de muitos sobre comunidades quilombolas.

Bom, a experiência de está no local é única, sinceramente eu não esperava que trouxesse uma paz tão grande no coração. Gostei muito dos ensinamentos que dona Gessi transmitiu para a gente e espero voltar lá mais vezes. (K.S.B, 14 anos, 9º I²)

A fala da estudante K.S.B, de 14 anos traz uma reflexão positiva e emocionalmente significativa no Ponto de Memória, onde Dona Gessi é guardiã. A unicidade da experiência e o impacto inesperado que teve em seu estado emocional, trazendo-lhe paz. O Ponto de Memória de Santa Bárbara é um ambiente acolhedor e tranquilizador, capaz de provocar sentimentos de serenidade a quem visita. É importante destacar o apreço da estudante pelos ensinamentos de Dona Gessi, indicando que a interação foi não apenas emocional, mas também educativa.

Achei a minha experiência no Ponto de Memória muito diferenciada, nunca tinha visitado um lugar assim antes e achei incrível, em um único lugar ter pessoas contando diversas experiências sobre suas vidas. Lá é um lugar bem colorido com um altar variedades de cores, dessa forma transmitindo um sentimento de pura paz. Ao redor do local é percebido a forte presença de plantas, deixando o local ainda mais bonito. É nítido o quanto Dona Gessi ama o Ponto de Memória e o quanto esse lugar é importante pra ela. (E.A.F, 14 anos, 9º I²)

De acordo com a estudante o Ponto de Memória é único e incrível, ela destaca a importância do espaço que promova a interação, a oralidade e a transmissão de conhecimento, elementos fundamentais na preservação da cultura quilombola. Desse modo, o espaço cumpriu o papel de educar, preservar e celebrar a cultura local.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entrelaçamento dessas vivências quilombolas com a Educação Escolar foi um processo valioso, embora não isento de desafios. Os estudantes chegaram eufóricos, repletos de ideias, cada grupo compartilhando sua visão sobre temas específicos, já que foram divididos em grupos com diferentes temáticas. Ouvir esses estudantes e constatar que realmente aprenderam é extremamente gratificante. Partindo para as in-conclusões, é fundamental reconhecer como essas mulheres negras quilombolas da Comunidade quilombola de Linharinho carregam em seus corpos as marcas da ancestralidade, símbolos de resistência e fé. Além disso, exploramos como essas memórias orais podem ser incorporadas aos espaços escolares, enriquecendo o currículo e o trabalho dos professores e professoras. Essas práticas educativas, extraídas das memórias orais dessas mulheres, têm muito a nos ensinar. É impossível passar por esse processo sem absorver a riqueza dessas fontes. A escola tem muito a ganhar com essa abordagem. Não se trata de eliminar os conteúdos formais, mas sim de ampliar o conhecimento, trazendo vivências e saberes para dentro da sala de aula. Essa conexão com a realidade dos estudantes é valiosa e enriquece o processo educativo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **A Educação na comunidade de Monte Alegre – ES em suas práticas de construção da cultura popular negra.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, 2007

ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola.** Curitiba: Appris, 2018.

ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **Sobre Políticas do Corpo Negro Feminino e Territorialidades Jongueiras no Enfrentamento ao Racismo.** Revista Farol, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/farol/issue/view/1351> - acesso em 15 de julh. 2024.

ARAUJO, Noelia da Silva Miranda, ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino, REGINALDO, Sidineide Vidigal, CASSIANO, Genilda. **Modos de Ser e Sentir: Entrelaçando Narrativas das Crianças e Professoras Quilombola.** Pró-Educação – UNIVÁS, 2020.

BRASIL, **Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012,** que define as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.**

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e mediações culturais.** Organizações Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 1996.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Quilombos: território, memória e reexistência.** Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

SCHIFFLER, Michele Freire, NASCIMENTO, Jorge Luiz do. **Cantares Ticumbis: resistência e memória na literatura oral de comunidades quilombolas.** I Congresso Nacional Africanidades e Brasiliades -Universidade Federal de Espírito Santo, 26 a 29 de junho de 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico,** 2º Ed. – Novo Hamburgo:Feevale, 2013. **PARECER CNE/CEB Nº 2/2020**, aprovado em 10 de dezembro de 2020, complementa e atualiza as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.**

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer.** UBU Editora. São Paulo. 2023.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos- Modos e Significações.** Editora AYÔ , Brasília, 2023.

SALVATICI, Silvia. **Memórias de Gêneros: Reflexões sobre a história oral de mulheres.** Histórial Oral. Volume 8, 2005. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/14/109> Acesso em 17 de abril de 2024.

THOMPSON, Paul. **História Oral e Contemporaneidade**. Revista História, História Oral, 5, 2002.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Zahar. 1º edição. Rio de Janeiro, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. – São Paulo: Atlas, 2002.